



## A História Ambiental dos Cetáceos em Portugal

*Cristina Brito*

### **O homem, o mar e os cetáceos**

Os cetáceos sempre exerceram um enorme fascínio sobre as pessoas, pelo que a existência de mitos e referências a estes gigantes marinhos surgiram há muitos séculos atrás e estão presentes em diferentes culturas humanas em todo o mundo. Mas, apesar do grande interesse das pessoas pela vida destes animais, os homens e os cetáceos também partilharam, desde sempre, uma série de conflitos no que diz respeito à utilização do meio marinho.

Durante séculos, o único interesse do homem pelos grandes cetáceos foi a nível económico e comercial. Começando na era das capturas em pequenos barcos baleeiros até à moderna época dos grandes navios industriais, todo o conhecimento obtido sobre estes animais era apenas utilizado para aumentar o sucesso destas mesmas capturas e para a manutenção deste recurso marinho que, sendo lucrativo, se encontrava sempre em risco iminente de desaparecer. No entanto, ao longo dos anos, esta atitude predatória transformou-se numa abordagem mais conservacionista, virada para a proteção e manutenção das populações naturais e do seu meio e para a obtenção de conhecimento científico rigoroso. Hoje em dia, graças às descobertas científicas, os cetáceos tornaram-se conhecidos pelo seu enorme tamanho, mas também pelas suas complexas capacidades cognitivas ou pelas suas excepcionais capacidades de mergulho, entre muitas outras características. Mas, ainda assim, continuam a manter o seu significado simbólico e a criar uma forte empatia espiritual e emocional com as pessoas.

Quando nos referimos às pequenas baleias, golfinhos e botos, reparamos que a origem da sua relação com o homem é um pouco diferente. Antigamente, a sua existência mal era notada, exceptuando-se os pescadores e outros homens do mar que os consideravam bestas mitológicas ou animais que deviam desaparecer por

competirem com as suas pescarias, sendo encarados num misto de religiosidade e mundanidade.

Mais recentemente, as atividades de observação de baleias e golfinhos no meio natural têm chamado a atenção das pessoas para a sua existência e para a sua conservação e dos seus ecossistemas naturais. Deste modo, os cetáceos tornaram-se, a partir de meados do século XX, importantes ícones dos movimentos conservacionistas. Na realidade, sem os cetáceos, a variedade e riqueza faunística marinha seria gravemente diminuída e a manutenção desta biodiversidade é de extrema importância na vida de todos os organismos que dependem do mar, incluindo o homem. E sem dúvida que, nalgumas culturas humanas aborígenes atuais, as quais ainda dependem quase totalmente da vida natural para sobreviver, a presença dos cetáceos continua a manter um enorme significado histórico, cultural e espiritual.

Em Portugal, ao longo do tempo, desde reis a pescadores e navegadores, até aos naturalistas, biólogos, investigadores, estudantes e ao público em geral, tem-se mantido um interesse especial, e uma relação muito particular, com os cetáceos. De monstros marinhos, a baleias arrojadas nas praias ou capturadas em mar alto para consumo humano, até serem considerados como populações naturais que precisam de ser estudadas e preservadas, as baleias e os golfinhos sempre estiveram presentes na vida marítima dos portugueses.

O estudo e avaliação desta presença faz-se tendo por base várias disciplinas científicas, tais como, a história das ciências (neste caso, a história da história natural) e a história ambiental. Menos conhecida do público, vale a pena definir aqui história ambiental como sendo o estudo da história das interações entre o ser humano e o resto do mundo natural, procurando perceber como o homem viveu, usou e pensou o seu meio envolvente, e também de que forma o modificou ao longo do tempo. A história ambiental marinha, obviamente, lida com estes aspetos relacionados com o meio marinho, seus ecossistemas, espécies e populações. Estes estudos históricos são normalmente inter e multidisciplinares (juntando ciências naturais e

ciências sociais) na análise das perspectivas, percepções e relações de longo termo entre o homem e o mar.

Na verdade, os impactos e a importância da história para o conhecimento biológico atual são muito maiores do que seria possível imaginar num primeiro momento. São variadas as perguntas que se podem fazer neste domínio de multidisciplinaridade sobre os oceanos e os grandes animais que nele habitam. Como era o mar de antigamente, que espécies animais existiam, com que abundância? De que forma as pescarias e outras actividades humanas influenciaram as populações naturais? Que relação existiu no passado entre os homens e os animais marinhos? O que procuravam os homens no ambiente marinho e de que forma encaravam os seres vivos? As questões são verdadeiramente inúmeras, mas as respostas são poucas, fragmentadas e, até agora, não satisfazem a curiosidade científica.

Na maior parte dos casos, a primeira e mais óbvia relação entre as comunidades costeiras e o mar é feita através dos peixes e outros animais utilizados diariamente para o consumo humano. Mas, na verdade, são também inúmeros os pontos de contacto entre homens e cetáceos e, conseqüentemente, são vários os motivos para a sua utilização como animais de referência para a história ambiental marinha e história das ciências marinhas. São animais que, quando mortos ou moribundos, vêm dar à costa e estes arrojamentos permitem um contacto direto e terreno com seres exclusivamente aquáticos. Esta aproximação dos seres marinhos à terra permitiu, historicamente, o reconhecimento do ser vivo descartando o ser mitológico e, mais importante ainda, o rápido aproveitamento destes animais como um recurso viável para utilização humana. Este reconhecimento conduz, inevitavelmente, a uma caça dirigida e ao desenvolvimento de técnicas e culturas associadas a estas actividades e interações.

Mais, inseridos no seu meio ambiente e diversos habitats naturais, muitas espécies de cetáceos são predadores de topo da sua cadeia alimentar e desempenham um papel significativo nos seus ecossistemas. Para além disso, revelam informação ecológica e ambiental sobre os elos abaixo da sua cadeia trófica e são ainda

indicadores do estado biológico da região geográfica onde se inserem.

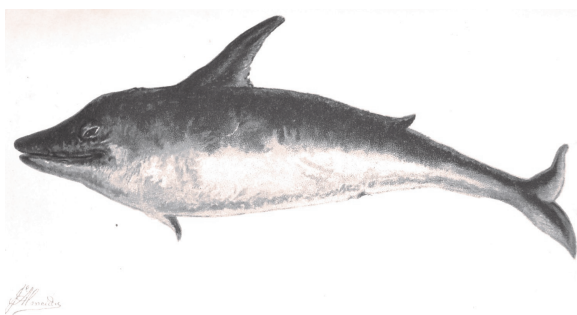
Em termos da sua identificação e localização histórica, estes animais são também indicadores potencialmente visíveis. São animais grandes; ao contrário dos peixes e outras criaturas marinhas, vêm obrigatoriamente respirar à superfície; apresentam comportamentos conspícuos e atrativos que podem chamar a atenção sobre a sua presença, tais como, a deslocação veloz em grandes grupos oceânicos, saltos e respirações fora de água visíveis à distância. Todas estas características facilitaram, ao longo do tempo, a sua inscrição em relatos, descrições, histórias contadas por aqueles que viajaram pelos mares fechados e costeiros e, principalmente, pelo grande e inexplorado Mar Oceano - o imenso Atlântico. E são estas as características dos cetáceos que facilitam o seu estudo numa perspetiva histórica.

As investigações históricas e culturais estão obviamente interligadas mas, neste caso em particular, associa-se ainda a investigação biológica, ambiental e da história natural, de uma forma perfeitamente complementar. Sabem os historiadores que, no estudo dos relatos dos viajantes e exploradores, desde o início das navegações transatlânticas até à história náutica mais recente, surgem amiúde referências a baleias e outros cetáceos. Mas pouco mais saberão sobre esta temática e sobre a forma como estes grandes animais marcaram as perceções dos exploradores, povoadores e missionários, ou como influenciaram aspetos científicos e culturais, tanto periféricos como centrais. De igual modo, pouco sabem ainda os biólogos, que identificam e classificam facilmente os seres vivos, sobre uma ocorrência e uma biologia secular de animais que se poderão tornar paradigmas para a história ambiental marinha.

Existem, de forma clara, dificuldades inerentes a esta inter e multidisciplinaridade que estão também relacionadas com as diferentes abordagens e metodologias. A documentação e quantificação de esforço feito para a deteção de cetáceos no passado é muito difícil de fazer e existem erros associados a estimativas históricas de abundância e distribuição. Ainda neste sentido, podem ser documentadas em tempos antigos apenas as espécies mais comuns, deixando-se escapar aquelas com

comportamentos mais tímidos ou de difícil observação à superfície, o que pode alterar a definição clara dum passado ambiental.

A biologia e a história, ciências distintas e separadas entre as ciências naturais e as ciências sociais, juntam-se assim, de forma assumida, para abordar a relação entre as populações humanas e os mamíferos que vivem nos mares. Esta relação entre disciplinas, entre bases de formação e conceitos, é essencial para conseguir explorar uma temática complexa e de pormenores altamente elaborados e bastante intrincados.



**Representação de um golfinho no início do século XX.**

### **Dez séculos de registos de cetáceos em Portugal**

São vários os autores internacionais que se têm dedicado ao registo e ao estudo da presença histórica de cetáceos ao longo das costas mundiais, no entanto, para Portugal esse trabalho ainda não está devidamente explorado.

Para Portugal Continental encontram-se as primeiras referências a cetáceos desde o século XII, seja através de registos de arrojamentos como de atividades associadas à baleação ou uso de baleias em diversas zonas do país. Em Portugal, e paralelamente ao País Basco, reconhecido berço da baleação ocidental, desenvolveu-se uma importante cultura baleeira. Nessa altura, entre os séculos XIII e XVII, as atividades de baleação eram realizadas de uma forma bastante primitiva, com pequenos barcos que se deslocavam a pouca distância da costa e usando arpões manuais. Na realidade, muitos dos aproveitamentos de carne e óleo de baleia da época, resultavam apenas da utilização de animais arrojados no litoral. Mais tarde, a caça às baleias no mar alto passou de capturas feitas de modo muito artesanal e ocasional

para uma pesca dirigida, que teve o seu início durante o século XVIII. Existem registos antigos que revelam a importância da captura das baleias, e da utilização dos produtos obtidos do seu tratamento para a economia medieval portuguesa.

A indústria baleeira portuguesa avançou igualmente para o Atlântico apoiada no desenrolar das navegações portuguesas oceânicas, ultramarinas e transatlânticas a partir dos séculos XV e XVI e também aí se estabeleceu.

É também na exploração do grande e desconhecido Mar Oceano, primeiro ao largo da costa ocidental africana e das ilhas atlânticas e posteriormente atingindo o seu expoente máximo na costa brasileira durante o século XVII, que se observaram os animais marinhos, se fizeram relatos e perpetuaram descrições, se transmitiram informações recém-descobertas e se criaram as bases para as ciências naturais. Vejamos, a título de exemplo, uma descrição de encontros com cetáceos no Atlântico Oriental:

*«(...) amanheceu o nosso galeão com as mais velas, cercadas ao redor com tanta soma de peixes grossos sobre a água, que quase uma légua não se via outra coisa, e o que mais me espantava era que davam cambadelas como meninos com cabeça na água e todo o corpo em cima, outros dando grandes saltos para cima faziam grande estrondo no mar. Este espectáculo durou duas horas. (...) Aos dezassete de Janeiro tivemos vista da ilha de Ano Bom, que está de Angola duzentas léguas e vinte e cinco de São Tomé. Depois da linha até aqui tomámos muitos peixes grandes como toninhas, que são como porcos e outros semelhantes.(...) Ao primeiro de Fevereiro pusemo-nos na altura do rio de Congo, sete graus da linha para cá.(...) Neste dia se chegou ao galeão um peixe, andando algum tempo ao redor dele, o qual não mostrava outra coisa senão uma bandeira preta como grande asa de pavão direita a cima. E, correndo a gente do mar a ver esta novidade, espantou-se e nunca mais apareceu.»*

Nesta época as viagens para mares e terras não explorados levavam os homens ao encontro de uma natureza inóspita e colocavam-nos face a ambientes diferentes e singulares. Obrigavam-nos a enfrentar a novidade e a perplexidade, relativamente à fauna e flora encontradas e a toda uma história natural completamente incógnita e deveras admirável. Podemos, portanto, perceber que a fantasia criada em torno dos monstros marinhos, encontra o seu fundamento em vislumbres de animais reais, nas raras e surpreendentes observações de seres marinhos que, em inúmeras situações, permaneciam um verdadeiro mistério para a história natural. Este facto reflete-se nas descrições zoológicas e classificações animais que apenas são reconhecidas enquanto disciplinas a partir do século XVIII. Existe um Naturalismo Atlântico, fundamentado particularmente nas descrições da vida natural do Novo Mundo a partir do século XV e até ao século XVII, que decorreu num período de abertura e criação de novas conceções mentais sobre o mundo e que se desenvolveu simultaneamente ao Naturalismo Enciclopédico Europeu, este último resultante dos movimentos científicos e culturais do Renascimento.

Ainda assim, observou-se que poucas interligações ou influências existiram entre estas duas linhas das ciências naturais. Este facto é indicativo da pouca expressão da ciência natural Atlântica à época provavelmente como resultado da inexistência de edições impressas, do uso comum da língua portuguesa em detrimento do latim ou de uma deficiente divulgação e propagação do conhecimento.

No entanto, ao estudar as fontes históricas e analisando especificamente as referências a baleias, golfinhos, focas, manatins e outros grandes animais marinhos, concluiu-se que a partir de Portugal Continental, bem como do Além-Mar Português, surgiram contribuições relevantes para a formação e a evolução da história natural num contexto de revolução científica e de globalização de conceitos e ideias. Senão vejamos a evolução temporal (Figura 1) das atividades relacionadas com a presença de cetáceos - baleação, arrojamentos e avistamentos -, bem como das várias disciplinas científicas que foram sendo aplicadas ao seu estudo.

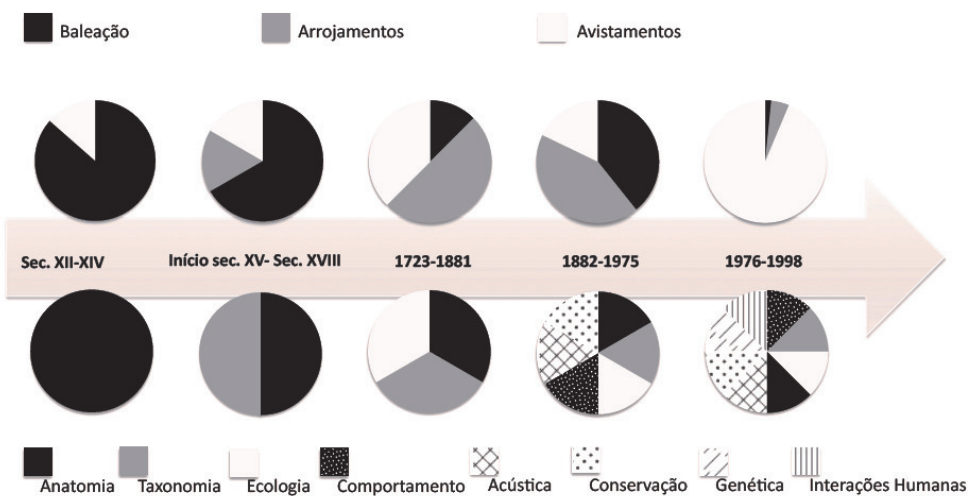


Figura 1- Marcação numa escala temporal (do século XII ao século XX) do número de registos históricos e recentes de cetáceos (n=142), incluindo fontes históricas, literatura cinzenta e publicações científicas, de acordo com as atividades humanas em cada período: baleação, arrojamentos e avistamentos. Marcação na mesma escala temporal das diferentes disciplinas científicas (n=8) relacionadas com a presença de cetáceos na história ambiental portuguesa.

A pesquisa sobre a história ambiental de cetáceos em Portugal, mostra uma exploração de vários séculos de baleias e golfinhos como recursos principalmente para consumo humano. As capturas são cronologicamente seguidas por registos de arrojamentos, depois pelas primeiras observações naturalistas no mar e, finalmente, pelos trabalhos de investigação mais recentes (final do século XX e princípio do século XXI). Há uma tendência crescente do número de registos de avistamentos e arrojamentos de cetáceos, denotando um crescendo de conhecimento científico que está claramente associado a um esforço cada vez maior para o estudo destes animais (Figura 2).

Numa brevíssima retrospectiva da história recente, por exemplo, as denominações científicas das espécies de cetáceos em latim só começaram a ser usadas a partir do século XVIII, como resultado da evolução das ciências naturais em Portugal e do



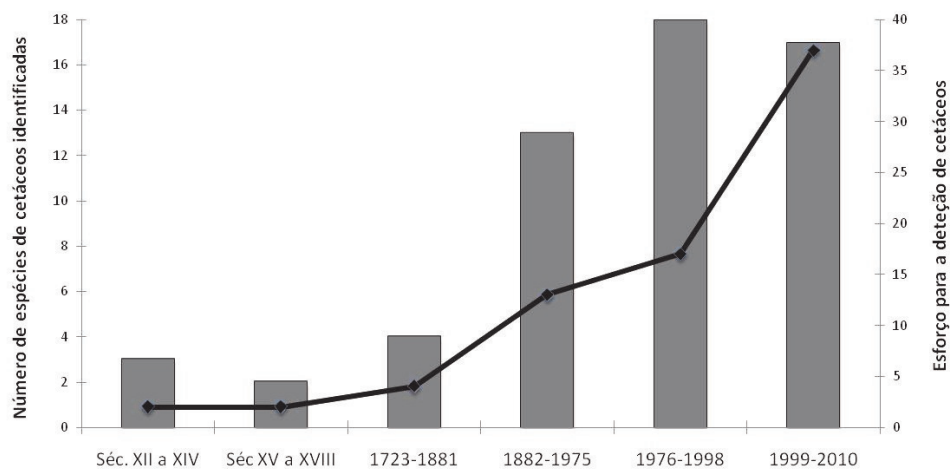


Figura 2 - Número de diferentes espécies de cetáceos identificadas ao longo dos anos (barras), o que reflete o conhecimento científico obtido, sobre o esforço para a sua deteção (considerando entidades e investigadores envolvidos).

interesse crescente de zoólogos. Após o século XIX, começaram a ser registadas observações em maior número e mais tarde, a partir do século XX até os dias atuais, começaram a ser realizados estudos científicos regulares.

Todas as diferentes formas históricas de contacto humano com os cetáceos contribuíram para a perceção do que são estes animais. Mais, as recentes alterações de mentalidades, favorecendo a sua preservação e dos seus habitats naturais, bem como o seu estudo continuado e de longo termo, indicam um importante passo no sentido da conservação das populações naturais de cetáceos nas costas continentais portuguesas.

### Agradecimentos

Este artigo constitui uma parte integrante da dissertação de doutoramento da autora pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM—FCSH, UNL), defendida publicamente em janeiro de 2010, o qual foi realizado com o apoio de uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/21836/2005). A autora gostaria de agradecer às colegas que, no decorrer dos últimos anos, têm ajudado na demorada tarefa de recolha de dados históricos: Inês Carvalho, Nina Vieira, Cristina Picanço,

Andreia Sousa, Inês Gonçalves, Andreia Pereira, Francisco Martinho e Marina Sequeira. A autora agradece ainda, e em especial, a Nazaré e Armando, Orlanda e Jeremias, Fôfa Susana e Bruno, Maia, Tiago, Vitor e Tânia, Patty e Tomás, Celso e Martim, pela paciência e tolerância perante as conversas prolongadas e insistentes sobre esta matéria e pelo tempo dedicado à investigação em detrimento do convívio familiar. E, por último, à Rafaela, que desde bebé embarca nestas histórias de baleias e golfinhos.

### **Bibliografia consultada**

- Brito, C. 2011. Medieval and early modern whaling in Portugal. *Anthrozoos*, 24(3): 287-300.
- Brito, C. 2010. Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os séculos XV e XVIII: A evolução da ciência e do conhecimento. Dissertação de doutoramento em História (História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa). FCSH-UNL.
- Brito, C. 2010. Land-based sperm whaling in the Azores: Historical and social-economical perspectives in Whaling and History III (Ringstad, J.E., Ed.), Sandefjord: 123-130 pp.
- Brito, C. & Vieira, N. 2010. Using historical accounts to assess the occurrence and distribution of small cetaceans in a poorly known area. *Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom*, 90(8): 1583-1588.
- Bowler, P.J. 1992. *The Fontana History of the Environmental Sciences*. Fontana Press, London.
- Constantine, R. 2009. Folklore and legends, in Perrin, William F., Würsig, Bernd e Thewissen, J.G.M., Eds., *Encyclopedia of Marine Mammals*, (Academic Press, San Diego), 447-449.
- Hansen, F.V. 2010. *Los balleneros en Galicia (siglos XIII al XX)*. Fundación Pedro Barrié de la Maza: A Coruña.
- Marques, A.P. 1990. *Portugal e o Descobrimento Atlântico: Síntese e Cronologia*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa.
- Nobre, A. 1935. *Fauna Marinha de Portugal: Vertebrados (Mamíferos, Repteis e Peixes)*. Porto.
- Oliveira Marques, A.H. 1985. História de Portugal. Volume I-III. Palas Editores, Lisboa.
- Silva, B.A.A. 1891. *Estado Actual das Pescas em Portugal. Reedição Fac-similada promovida pelo Banco de Fomento e Exterior, Lisboa*.
- Starkey, D.J.; Smith, T.D. & Barnard, M. 2011. Fisheries and marina animal populations: Learning from the long term. *PLoS ONE* 6(1): e16011.
- Szabo, V. E. 2008. Monstrous fishes and the mead-dark sea: Whaling in the medieval North Atlantic. *The Northern World*, Volume 35. Brill, Leiden, Boston.
- Thomas, K. 1991. *Man and the natural world: Changing attitudes in England 1500-1800*. Penguin Press History, London.